



Universidade Federal do Pampa

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CAMPUS SANT'ANA DO LIVRAMENTO
GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

JOÃO ROBERTO PEREIRA RODRIGUES

**INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E IDENTIDADE PROFISSIONAL:
Technostress e o sentido do trabalho entre trabalhadores da área de comunicação
e indústria criativa**

TRABALHO DE CURSO

**Sant'Ana do Livramento
2026**

JOÃO ROBERTO PEREIRA RODRIGUES

**INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E IDENTIDADE PROFISSIONAL:
Technostress e o sentido do trabalho entre trabalhadores da área de comunicação
e indústria criativa**

Trabalho de curso apresentado ao Curso de Administração, da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA, RS) como requisito para obtenção do título de Bacharel em Administração.

Aprovado em 3 de Julho de 2026:

Kathiane Benedetti Corso

[Nome e Instituição]
(Presidente/Orientador)

Isabela Braga da Matta

[Nome e Instituição]
(Membro da banca)

Marcos Vinícios Dalagostini Bidarte

[Nome e Instituição]
(Membro da banca)

Sant'Ana do Livramento

RESUMO

Este estudo buscou analisar os impactos da introdução da Inteligência Artificial no ambiente de trabalho, a partir da perspectiva de profissionais da área de comunicação e da indústria criativa. Para isso, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com profissionais atuantes nessas áreas, buscando compreender suas percepções e vivências em relação ao uso de tecnologias baseadas em Inteligência Artificial no cotidiano de trabalho. A análise dos dados foi conduzida por meio da técnica de análise de conteúdo temática, permitindo identificar padrões, sentidos e experiências associadas às transformações tecnológicas. Os resultados evidenciam uma realidade laboral ambivalente: se por um lado a Inteligência Artificial atua como ferramenta de aprimoramento que otimiza a produtividade cronológica, por outro tenciona a qualidade e a autoria, exigindo uma transição para competências de curadoria. Revelou-se que as manifestações de *Technostress*, representadas pela Techno-sobrecarga, Techno-invasão e por uma severa Techno-insegurança ligada ao medo estrutural da substituição e do descarte institucional, não emanam do código algorítmico em si, mas sim de vivências externas e pressões mercadológicas sob a cultura do imediatismo. Diante do risco de desumanização produtiva e da fratura na Identidade Profissional tradicional, os trabalhadores encontram na humanização por meio do afeto, do olhar empático e do discernimento crítico uma importante estratégia de resistência e de sustentabilidade de seu valor no mercado.

Palavras-chave: Inteligência Artificial; Trabalho; Identidade Profissional; *Technostress*; Indústria Criativa.

Artificial Intelligence and Professional Identity: *Technostress* and the Meaning of Work in Communication Professionals

ABSTRACT

This study aimed to analyze the impacts of Artificial Intelligence adoption in the workplace from the perspective of professionals in the communication and creative industries. To achieve this, a qualitative, exploratory, and descriptive research design was adopted. Data were collected through semi-structured interviews with professionals working in these fields, seeking to understand their perceptions and experiences regarding the use of Artificial Intelligence technologies in their daily work. Data analysis was conducted using thematic content analysis, allowing the identification of patterns, meanings, and experiences related to technological transformations. The results highlight an ambivalent labor reality: while on one hand Artificial Intelligence acts as an enhancement tool that optimizes chronological productivity, on the other hand it tensions quality and authorship, demanding a transition toward curatorial skills. It was revealed that the manifestations of *Technostress*, represented by Techno-overload, Techno-invasion, and a severe Techno-insecurity linked to the structural fear of replacement and institutional disposal, do not emanate from the algorithmic code itself, but rather from external experiences and market pressures under the culture of immediacy. Faced with the risk of productive dehumanization and the fracture of traditional Professional Identity, workers find in humanization, through affection, empathetic perception, and critical discernment, an important strategy of resistance and of sustaining their value in the market.

Keywords: Artificial Intelligence; Work; Professional Identity; Technostress; Creative Industry.

Inteligencia Artificial y Identidad Profesional: Tecnoestrés y el Sentido del Trabajo en Profesionales de la Comunicación

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo analizar los impactos de la introducción de la Inteligencia Artificial en el entorno laboral desde la perspectiva de profesionales del área de comunicación y de la industria creativa. Para ello, se realizó una investigación de enfoque cualitativo, de carácter exploratorio y descriptivo. Los datos fueron recolectados mediante entrevistas semiestructuradas con profesionales que actúan en estas áreas, con el fin de comprender sus percepciones y experiencias respecto al uso de tecnologías de Inteligencia Artificial en su trabajo cotidiano. El análisis de los datos se llevó a cabo mediante la técnica de análisis de contenido temático, lo que permitió identificar patrones, significados y experiencias asociadas a las transformaciones tecnológicas. Los resultados evidencian una realidad laboral ambivalente: si por un lado la Inteligência Artificial actúa como una herramienta de mejora (enhancement) que optimiza la productividad cronológica, por otro tensiona la calidad y la autoría, exigiendo una transición hacia competencias de curaduría. Se reveló que las manifestaciones de Technostress, representadas por la Techno-sobrecarga, la Techno-invasión y por una severa Tecno-inseguridad vinculada al miedo estructural de la sustitución y del descarte institucional, no emanan del código algorítmico en sí, sino de vivencias externas y presiones mercadológicas bajo la cultura del inmediateismo. Frente al riesgo de deshumanización productiva y a la fractura de la Identidad Profesional tradicional, los trabajadores encuentran en la humanización, a través del afecto, la empatía y el discernimiento crítico, una importante estrategia de resistencia y de preservación de su valor en el mercado laboral.

Palabras-clave: Inteligencia Artificial; Trabajo; Identidad Profesional; Tecnoestrés; Industria creativa.

1 INTRODUÇÃO

As transformações recentes impulsionadas pela Inteligência Artificial (IA) e pela digitalização têm gerado intensos debates sobre o futuro do trabalho e os efeitos da automação nas organizações. A IA, alicerce tecnológico da Quarta Revolução Industrial, remonta à premissa de Alan Turing (1950) sobre a capacidade de máquinas pensarem e se define tecnicamente pela construção de agentes inteligentes que maximizam o sucesso na consecução de objetivos (Russel; Norvig, 1995; Poole; Mackworth, 2023). O desenvolvimento do *Machine Learning* e *Deep Learning* consolidou a IA como catalisadora de sistemas automatizados (Sarker, 2022).

Embora frequentemente associada ao risco de desemprego tecnológico, a previsão de seus impactos sobre o emprego revela-se complexa e multifacetada, pois envolve dimensões que vão desde a análise de tarefas específicas até fatores macroeconômicos e políticos (Zuboff, 2019; Deranty; Corbin, 2024). Contudo, a análise crítica rejeita o determinismo tecnológico da "Segunda Era da Máquina" (Brynjolfsson; McAfee, 2014) para enfatizar que a direção e a forma da IA são guiadas pelo imperativo capitalista de valorização e controle do processo de trabalho (Spencer, 2017; Deranty; Corbin, 2024).

Nesse sentido, o efeito da IA sobre o mercado de trabalho permanece incerto e controverso, ainda que exista consenso de que as mudanças serão profundas (Deranty; Corbin,

2024). A dualidade central é entre Automação (substituição de tarefas, risco de desemprego) e Aprimoramento (criação de novas tarefas, complemento) (Acemoglu; Restrepo, 2018). O investimento focado na automação tem provocado a polarização do mercado, com crescimento em nichos de alta e baixa qualificação e esvaziamento das ocupações rotineiras (Spencer, 2017; Acemoglu; Restrepo, 2018). A atual Automação de Alta Qualificação ameaça até mesmo profissões complexas, levantando a possibilidade de "extinção das profissões" (Susskind, 2020).

Essas transformações não afetam apenas a quantidade de postos de trabalho, mas também a qualidade e o significado atribuído às atividades laborais, resultando na criação de novas ocupações, na extinção de outras e na polarização das oportunidades disponíveis. Tais mudanças exigem requalificação constante e elevada adaptabilidade dos trabalhadores. Nesse cenário, o trabalho deixa de ser concebido apenas como fonte de renda, passando a ser valorizado também como espaço de realização pessoal, criatividade e autonomia, dimensões que se tornam particularmente tensionadas pela introdução de tecnologias disruptivas (Nikolova; Cnossen, 2020; Gill, 1999). O trabalho transcende sua dimensão econômica, constituindo-se como um valor simbólico e principal vetor da identidade na modernidade (Dejours, 1992; Dubar, 2006).

A IA pode tanto ameaçar quanto fortalecer esse senso de identidade, dependendo de como é implementada: se complementa, substitui ou cria novas tarefas, e de como impacta o ambiente social do trabalho (Selenko *et al.*, 2022; Mirbabaie *et al.*, 2022; Bankins; Formosa, 2023). O sentimento de ameaça ocorre de maneira mais intensa quando há perda de *status*, mudanças bruscas nas funções ou percepção de substituição, produzindo tensões subjetivas que ultrapassam a dimensão técnica da tecnologia (Mirbabaie *et al.*, 2022). Adicionalmente, a ameaça percebida da IA demonstrou elevar a intenção de rotatividade dos trabalhadores (Li, 2023).

A literatura recente também evidencia que a compreensão da IA exige uma abordagem interdisciplinar (Longo *et al.*, 2024; Baum, 2021; Xu *et al.*, 2021). Pesquisas em economia, sociologia e estudos organizacionais oferecem diagnósticos complementares, mas, por vezes, fragmentados. Tal diversidade reforça a complexidade do fenômeno e, ao mesmo tempo, aponta para o desafio de integrar diferentes perspectivas a fim de alcançar uma visão mais holística sobre seus impactos (Deranty; Corbin, 2024; Longo *et al.*, 2024; Baum, 2021; Xu *et al.*, 2021).

Entre os efeitos já observados, destacam-se o aumento da precarização e das desigualdades laborais. Modelos de trabalho mediados por plataformas digitais, algoritmos de gestão e automatização de tarefas têm contribuído para reduzir a autonomia dos trabalhadores, impor novas formas de controle e intensificar pressões sobre a saúde física e mental (Rodriguez; Agenjo; López, 2024; Rani; Furrer, 2021). Este cenário está ligado ao Capitalismo de Vigilância (Zuboff, 2019), em que a experiência humana é capturada para gerar dados preditivos e sustentar o Gerenciamento Algorítmico no ambiente corporativo, exercendo um controle inédito sobre a força de trabalho. Em contrapartida, a IA também apresenta potencial para complementar atividades humanas, gerar eficiência e aprimorar processos, desde que acompanhada de políticas adequadas de formação e proteção social (Deranty; Corbin, 2024; Senoner *et al.*, 2024).

Outro ponto central refere-se ao modo como o desenvolvimento e a aplicação da IA são moldados por interesses econômicos e geopolíticos. Em um contexto capitalista global, a tecnologia tende a expressar objetivos de lucro e de competição nacional, o que influencia tanto sua trajetória de adoção quanto suas implicações sociais e éticas. Isso significa que as escolhas políticas e empresariais desempenham papel decisivo em determinar se a IA será utilizada para ampliar desigualdades ou para promover transformações socialmente benéficas (Zuboff, 2019; Deranty; Corbin, 2024). O setor de Comunicação e Indústria Criativa é

altamente exposto à automação pela IA Generativa (GenAI), que permeia processos criativos e de tomada de decisão (Berg *et al.*, 2025).

Por fim, permanece a ausência de previsões definitivas sobre o futuro do trabalho na era da inteligência artificial. Apesar da incerteza, cresce a percepção de que os sistemas de proteção social poderão ser desafiados por mudanças profundas, como a necessidade de repensar regimes de previdência, saúde ou até considerar propostas de renda básica universal. Nesse cenário, as discussões sobre a IA ultrapassam a dimensão técnica e se consolidam como um debate ético, político e social de grande relevância (Deranty; Corbin, 2024).

O fenômeno do *Technostress*, concebido por Brod (1984) e também referido como *Techno-Distress* (Tarafdar; Cooper; Stich, 2019), serve como ponto de partida para analisar os efeitos da adoção tecnológica. Ele caracteriza o estresse gerado pelo descompasso entre as exigências impostas pelas tecnologias e a capacidade de adaptação do indivíduo, causando sintomas físicos, cognitivos e emocionais (Weil; Rosen, 1997; La Torre *et al.*, 2019). No seu arcabouço clássico, o *Technostress* engloba estressores cognitivos como a sobrecarga (*Techno-Overload*), a dificuldade de uso (*Techno-Complexity*), e o medo da obsolescência das habilidades (*Techno-Uncertainty*) (Ayyagari; Grover; Purvis, 2011; Tarafdar *et al.*, 2007).

A Inteligência Artificial (IA), entretanto, adiciona novas dimensões que transcendem a mera dificuldade de uso. Diferente de tecnologias que apenas exigiam aprendizado de ferramentas, a IA introduz a possibilidade real de substituição de funções e redefinição radical de papéis profissionais (Deranty; Corbin, 2024). Nesse cenário, o *Technostress* evolui para uma crise de natureza simbólica, que pode estar manifestada de forma aguda através do estressor da *Techno-Insecurity* (medo da perda do posto de trabalho) e da *Techno-Invasion* (dissolução das fronteiras entre vida e trabalho) (Ayyagari; Grover; Purvis, 2011).

Essa ameaça atinge o cerne da identidade profissional, que transcende a dimensão econômica e se constitui como um vetor de reconhecimento social e sentido na modernidade (Dejours, 1992; Dubar, 2006). A identidade é fragilizada quando a IA questiona a autoria e o valor simbólico da contribuição humana (Müller, 2025; Dejours, 1999), podendo gerar intensa insegurança, sofrimento subjetivo, cinismo organizacional (Antunes, 2015) e aumentar a intenção de rotatividade (Li, 2023; Yanan, 2023). A percepção de desvalorização simbólica emerge quando o profissional vivencia uma ruptura com o papel que ocupava, pois a IA ataca as duas dimensões da identidade: a normativa (reconhecimento social) e a subjetiva (autoimagem) (Santos, 2005).

Apesar deste quadro, a IA apresenta ambivalência. Pode ser uma fonte de sofrimento, mas quando percebida como ferramenta de apoio, ela pode elevar o bem-estar e o engajamento (Tortorella *et al.*, 2025). A defesa da dignidade e da ética profissional é manifestada através da resistência, uma demanda moral por reavaliação do que é essencialmente humano (Deranty; Rhodes; Yeoman, 2023). A mitigação do *Technostress* depende não apenas dos recursos tecnológicos, mas, crucialmente, do suporte organizacional e da capacidade de envolver os indivíduos ativamente nos processos de mudança (Ragu-Nathan *et al.*, 2008).

Portanto, este estudo se justifica pela necessidade de explorar criticamente o impacto da inteligência artificial sobre a identidade profissional e sobre a experiência de *Technostress*. Ao adotar uma abordagem qualitativa, busca-se dar visibilidade a dimensões subjetivas que permanecem invisibilizadas em discursos tecnicistas sobre inovação.

A pesquisa pretende, assim, contribuir para o campo da Administração ao propor reflexões sobre práticas organizacionais mais conscientes, éticas e orientadas ao bem-estar humano. De forma prática, os resultados poderão auxiliar gestores na formulação de estratégias que promovam uma integração mais equilibrada entre pessoas e tecnologias, favorecendo o desenvolvimento de políticas internas de capacitação, suporte emocional e

desenho de cargos que minimizem o estresse tecnológico e fortaleçam o engajamento e a identidade profissional nas organizações.

A crescente inserção da IA torna seus efeitos subjetivos (identidade, sentido do trabalho) tão ou mais relevantes do que os impactos técnicos no ambiente organizacional. Assim, o problema de pesquisa pode ser sintetizado na seguinte questão: **“De que forma os trabalhadores da comunicação percebem e vivenciam o impacto da Inteligência Artificial em suas atividades profissionais, considerando as implicações sobre sua identidade, o sentido do trabalho e a experiência de *Technostress*?”**

Dentre os objetivos do presente estudo estão analisar os impactos da introdução da inteligência artificial no ambiente de trabalho sob a ótica dos trabalhadores, investigando especificamente como essa tecnologia reconfigura a identidade profissional, os sentidos do trabalho e a manifestação do *Technostress*. Mais especificamente, a pesquisa busca compreender as percepções e vivências decorrentes do uso da inteligência artificial no trabalho da comunicação, além de identificar os Tecnoestressores a ele associados. Por fim, o estudo propõe-se a compreender de que forma essa tecnologia afeta a identidade profissional e o sentido atribuído ao trabalho nessa área específica.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A Inteligência Artificial e as transformações no mundo do trabalho

2.2 O Trabalho: De fonte de identidade à resistência na era da automação

2.3 *Technostress*: Da sobrecarga cognitiva à dimensão simbólica

2.4 Profissionais da comunicação e da indústria criativa

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 Perfil dos entrevistados

4.2 Percepções e Vivências com a Inteligência Artificial

4.3 Manifestações do *Technostress*

4.4 Identidade Profissional, sentido do trabalho e autoria

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo geral analisar os impactos da introdução da inteligência artificial no ambiente de trabalho sob a ótica dos trabalhadores, investigando especificamente como essa tecnologia reconfigura a identidade profissional, os sentidos do trabalho e a manifestação do *Technostress*. A consecução deste propósito foi viabilizada pelo cumprimento dos objetivos específicos, cujos achados empíricos e teóricos revelaram uma realidade laboral profundamente ambivalente, cindida entre a otimização técnica e o desgaste da subjetividade humana.

No que tange a compreensão das percepções e vivências com o uso da IA no trabalho, os resultados demonstraram que o ecossistema de ferramentas algorítmicas (como ChatGPT, Gemini e CapCut) já se encontra plenamente integrado ao cotidiano da indústria criativa, aproximando-se do conceito de agentes inteligentes focados em metas específicas formulado por Russell e Norvig (1995). Sob a ótica dos sujeitos, a tecnologia é validada de forma imediata como uma ferramenta de aprimoramento (*enhancement*), nos moldes propostos por Acemoglu e Restrepo (2018), capaz de alavancar a produtividade e comprimir rotinas cronológicas complexas em frações de minutos. Contudo, conforme alertado por Sarker (2022) sobre o avanço do *Machine Learning*, essa transferência da execução técnica para a máquina exige uma transição compulsória do papel de criador para o de gestor ou curador de ferramentas (*AI tool management*). A automação impõe a necessidade de um refinamento humano constante (Mariano; Sartor, 2025; Berg et al., 2025) para mitigar a geração de conteúdos genéricos, padronizados e esvaziados de qualidade, um cenário que corrobora os riscos de uma "desumanização produtiva" e de superexploração quando o imperativo econômico capitalista sobrepuja o rigor conceitual (Spencer, 2017; Deranty; Corbin, 2024; Araújo; Bacelar, 2025).

Em relação a identificação dos tecnoestressores associados ao uso da inteligência artificial no trabalho, a investigação desvelou que as dimensões da Techno-complexidade e da Techno-incerteza (Tarafdar et al., 2007) não se manifestam de forma expressiva, uma vez que os profissionais demonstram alta capacidade adaptativa e perfil proativo diante da intuitividade dos sistemas. O sofrimento psíquico e o esgotamento emergem, fundamentalmente, por meio da Techno-sobrecarga, da Techno-invasão e de uma latente Techno-insegurança (Tarafdar et al., 2007). Esta última se materializa não apenas como o receio abstrato da obsolescência frente à velocidade algorítmica, mas como um reflexo contundente de vulnerabilidades reais de mercado, exemplificada na retração factual de nichos inteiros como a locução comercial e o áudio, e do cinismo ético percebido nas instâncias de governança corporativa, que passam a encarar a força de trabalho humana sob a lógica do descarte em prol do enxugamento financeiro. Todavia, o dado mais pungente da pesquisa revela uma desarticulação causal: essas manifestações não são provocadas pela IA em si, mas sim pelas vivências externas, pressões mercadológicas e modelos de gestão corporativa. A rapidez algorítmica é instrumentalizada pelas organizações e pelos clientes sob a "cultura do imediatismo", gerando um efeito dominó que multiplica as demandas laborais, coloniza o tempo de lazer e dilui as fronteiras pessoais. O estressor real, portanto, reside nas pressões estruturais e nas relações de poder que convertem a agilidade técnica em vetor de intensificação e precarização do trabalho, confirmando a tese de Dejours (1999) sobre a primazia da organização do trabalho sobre a técnica no desencadeamento do sofrimento mental.

Por fim, quanto a compreender de que forma a IA afeta a identidade profissional e o sentido atribuído ao trabalho, os resultados expuseram o núcleo das tensões subjetivas na era da automação. Como teorizado por Dubar (2006), a identidade profissional constitui uma negociação contínua que é abalada quando os sistemas automatizados ameaçam o valor da contribuição humana. Para os profissionais cuja identidade foi forjada no fazer artesanal ao longo de décadas, a redução da atividade criativa à mera lapidação de algoritmos provoca uma desorientação existencial e um profundo desinvestimento emocional, assemelhando-se à "corrosão do caráter" provocada pela flexibilidade desenfreada do capitalismo flexível (Sennett, 2006). Sob a ótica de Dejours (1992, 1999), o sentido do trabalho vincula-se ao reconhecimento ético e à utilidade da contribuição; quando a máquina assume a centralidade da execução, esse vínculo se fragmenta. Em contrapartida, os trabalhadores buscam ativamente mecanismos de resistência para salvaguardar a autoria e ressignificar o sentido de suas profissões. Essa defesa manifesta-se tanto pelo orgulho em dominar estrategicamente o

fluxo tecnológico (reivindicando a liderança intelectual sobre o prompt e assumindo o papel de "trabalhador híbrido" descrito por Berg et al., 2025) quanto pelo apego intransigente ao que é estruturalmente incalculável pela máquina: o olhar empático, a sensibilidade factual, a vivência orgânica em tempo real e o afeto genuíno. É a humanização, em última análise, que desponta nos relatos como a sustentabilidade e preservação do sentido do trabalho perante o avanço das tecnologias de automação (Müller, 2025).

A contribuição principal deste trabalho reside em deslocar o debate da Inteligência Artificial do campo puramente operacional e técnico para a dimensão psicodinâmica e simbólica da subjetividade do trabalhador. Ao evidenciar que o estresse e a perda de sentido não emanam da máquina, mas sim das estruturas de gestão que a instrumentalizam, esta pesquisa oferece subsídios críticos para a academia avançar na compreensão do bem-estar laboral face ao avanço tecnológico. Os resultados oferecem ferramentas aplicáveis para o âmbito corporativo da indústria criativa, servindo como base para que gestores e profissionais desenvolvam políticas de governança tecnológica éticas, desenhos de cargos que preservem a autonomia e a autoria, e programas de suporte à saúde mental capazes de mitigar o esgotamento decorrente da hiperconexão e da cultura do imediatismo. Essa intervenção prática se alinha diretamente às recentes atualizações da NR-1 (Portaria MTE nº 1.419/2024), que incluiu de forma expressa os fatores de riscos psicossociais relacionados ao trabalho, como o excesso de demandas, a sobrecarga e as disfunções na gestão, no escopo obrigatório do Gerenciamento de Riscos Ocupacionais (GRO) e do Inventário de Riscos das organizações. Para o mercado de trabalho e para a sociedade em geral, o estudo fornece um panorama reflexivo sobre a necessidade de regulamentações protetivas e processos de requalificação profissional focados na valorização das competências essencialmente orgânicas e humanizadas, estabelecendo limites saudáveis à invasão digital e garantindo a sustentabilidade humana frente ao avanço algorítmico desregulado (Brasil, 2025).

Como principais limitações da investigação, aponta-se que a análise se concentrou no estágio atual de adoção de sistemas gerativos de texto e imagem, deixando de fora o monitoramento de arquiteturas autônomas emergentes de tomadas de decisão. Ademais, embora o tamanho delimitado da amostra de oito participantes tenha cumprido com rigor o critério de saturação teórica, a circunscrição geográfica e setorial dos depoentes restringe o mapeamento a uma realidade específica, impossibilitando a extensão dos achados a outros arranjos organizacionais da indústria criativa.

Para investigações futuras, recomenda-se a realização de pesquisas qualitativas de cunho etnográfico ou estudos de caso comparativos, capazes de acompanhar o cotidiano das redações e agências para capturar, em tempo real, as dinâmicas de interação face a face e as transformações na rotina laboral. Sugerem-se também estudos com abordagens qualitativas focadas na análise do discurso de gestores e tomadores de decisão corporativos, visando investigar como as lideranças significam e justificam a implementação da IA frente às pressões por enxugamento de equipes. Por fim, abre-se espaço para investigações quantitativas e longitudinais voltadas a mensurar a correlação estatística direta entre o volume de demandas mediadas por algoritmos e o adoecimento clínico por *technostress* na área da comunicação.

REFERÊNCIAS

- ACEMOGLU, Daron; RESTREPO, Pascual. Artificial intelligence, automation, and work. In: **The economics of artificial intelligence: An agenda**. University of Chicago Press, 2018. p. 197-236.
- ALMEIDA, L. R. S. O Impacto da Inteligência Artificial nas Organizações no Contexto do Marketing Moderno: uma revisão de literatura. **Revista Visão: Gestão Organizacional**, Caçador (SC), v. 14, n. 1, p. e3732-e3732, 2025.
- ANTUNES, Ricardo; PRAUN, Luci. A sociedade dos adoecimentos no trabalho. **Serviço Social & Sociedade**, n. 123, p. 407-427, 2015.
- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2009.
- ARAÚJO, Alfredina dos Santos; BACELAR, Luiz Fernando Lira. The Value of Work in the Age of Artificial Intelligence: Meaning, Social Contribution, and Recognition amid Productive Dehumanization. **Open Journal of Social Sciences**, v. 13, n. 7, p. 86-99, 2025.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- AYYAGARI, Ramakrishna; GROVER, Varun; PURVIS, Russell. Technostress: Technological antecedents and implications. **MIS Quarterly**, v. 35, n. 4, p. 831-858, 2011.
- BANKINS, Sarah; FORMOSA, Paul. The ethical implications of artificial intelligence (AI) for meaningful work. **Journal of Business Ethics**, v. 185, n. 4, p. 725-740, 2023.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAUM, Seth D. Artificial interdisciplinarity: Artificial intelligence for research on complex societal problems. **Philosophy & Technology**, v. 34, n. Suppl 1, p. 45-63, 2021.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BERG, J. et al. Generative AI and the media and culture industry. **Geneva: International Labour Organization**, 2025. (Research Brief).
- BRYNJOLFSSON, Erik; MCAFEE, Andrew. **The Second Machine Age: Work, Progress, and Prosperity in a Time of Brilliant Technologies**. New York: W. W. Norton & Company, 2014.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. Departamento de Segurança e Saúde no Trabalho. **NR-1 Gerenciamento de riscos ocupacionais (GRO): Guia de informações sobre os Fatores de Riscos Psicossociais Relacionados ao Trabalho**. Brasília: MTE, 2025.
- BROD, Craig. **Technostress: The Human Cost of the Computer Revolution**. Reading: Addison-Wesley, 1984.

- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1992.
- DERANTY, Jean-Philippe; CORBIN, Thomas. Artificial intelligence and work: a critical review of recent research from the social sciences. **Ai & Society**, v. 39, n. 2, p. 675-691, 2024.
- DERANTY, Jean-Philippe; RHODES, Carl; YEOMAN, Ruth. Does work have a future? The need for new meanings and new valuing of work. **Organization**, v. 30, n. 5, p. 799-808, 2023.
- DUBAR, C. **A crise das identidades: a interpretação de uma mutação**. Porto: Edições Afrontamento, 2006.
- DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. Porto: Porto Editora, 1997.
- DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FUCHS, C. **Digital labour and Karl Marx**. New York: Routledge, 2014.
- GILL, Flora. The meaning of work: Lessons from sociology, psychology, and political theory. **The Journal of Socio-Economics**, v. 28, n. 6, p. 725-743, 1999.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- KOO, Bonhak; CURTIS, Catherine; RYAN, Bill. Examining the impact of artificial intelligence on hotel employees through job insecurity perspectives. **International Journal of Hospitality Management**, v. 95, p. 102763, 2021.
- LA TORRE, Giuseppe et al. Definition, symptoms and risk of techno-stress: a systematic review. **International archives of occupational and environmental health**, v. 92, p. 13-35, 2019.
- LI, Yanan. Relationship between perceived threat of artificial intelligence and turnover intention in luxury hotels. **Heliyon**, v. 9, n. 8, 2023.
- LONGO, Luca et al. Explainable Artificial Intelligence (XAI) 2.0: A manifesto of open challenges and interdisciplinary research directions. **Information Fusion**, v. 106, p. 102301, 2024.
- MANZINI, Eduardo José. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. **Seminário internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos**, v. 2, p. 58-59, 2004.

MARIANO, S. G.; SARTOR, R. J. O impacto das Inteligências Artificiais na Comunicação de Marketing. **Ciência & Tecnologia**: Fatec Nilo De Stéfani, Jaboticabal (SP), v. 17, n. 1, e17107, 2025.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: Livro I: O processo de produção do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MATTELART, A.; MATTELART, M. **Historia de las teorías de la comunicación**. Barcelona: Paidós, 1997.

MIRBABAIE, Milad et al. The rise of artificial intelligence—understanding the AI identity threat at the workplace. **Electronic Markets**, v. 32, n. 1, p. 73-99, 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MÜLLER, E. H. A Inteligência Artificial como Ameaça ou Oportunidade? Uma Análise do Impacto no Trabalho dos Roteiristas. 2025. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Econômicas) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2025.

NIKOLOVA, Milena; CNOSSEN, Femke. What makes work meaningful and why economists should care about it. **Labour economics**, v. 65, p. 101847, 2020.

PINHEIRO, Mayara Costa et al. A usabilidade de ferramentas de inteligência artificial como estratégia de divulgação de coleções particulares em bibliotecas públicas. **Páginas a&b: arquivos e bibliotecas**, p. 209-234, 2023.

POOLE, David L.; MACKWORTH, Alan K. **Artificial Intelligence: foundations of computational agents**. Cambridge University Press, 2010.

RAGU-NATHAN, T. S. et al. The consequences of technostress for end users in organizations: Conceptual development and empirical validation. **Information systems research**, v. 19, n. 4, p. 417-433, 2008.

RANI, Uma; FURRER, Marianne. Digital labour platforms and new forms of flexible work in developing countries: Algorithmic management of work and workers. **Competition & Change**, v. 25, n. 2, p. 212-236, 2021.

RODRÍGUEZ-MODROÑO, Paula; AGENJO-CALDERÓN, Astrid; LÓPEZ-IGUAL, Purificación. A social reproduction analysis of digital care platform work. **New Political Economy**, v. 29, n. 4, p. 616-627, 2024.

RUSSELL, Stuart; NORVIG, Peter; INTELLIGENCE, Artificial. A modern approach. Artificial Intelligence. **Prentice-Hall, Egnlewood Cliffs**, v. 25, n. 27, p. 79-80, 1995.

SANTOS, Clara. A construção social do conceito de identidade profissional. **Interações: Sociedade e as novas modernidades**, n. 8, 2005.

SARKER, Iqbal H. AI-based modeling: techniques, applications and research issues towards automation, intelligent and smart systems. **SN computer science**, v. 3, n. 2, p. 158, 2022.

SALANOVA, Marisa; LLORENS, Susana; CIFRE, Eva. The dark side of technologies: Technostress among users of information and communication technologies. **International journal of psychology**, v. 48, n. 3, p. 422-436, 2013.

SELENKO, Eva et al. Artificial intelligence and the future of work: A functional-identity perspective. **Current Directions in Psychological Science**, v. 31, n. 3, p. 272-279, 2022.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SENONER, Julian et al. Explainable AI improves task performance in human–AI collaboration. **Scientific reports**, v. 14, n. 1, p. 31150, 2024.

SPENCER, David. Work in and beyond the Second Machine Age: the politics of production and digital technologies. **Work, employment and society**, v. 31, n. 1, p. 142-152, 2017.

SUSSKIND, Daniel. **A world without work: Technology, automation and how we should respond**. Penguin UK, 2020.

SUSSKIND, Richard; SUSSKIND, Daniel. **The Future of the Professions: How Technology Will Transform the Work of Human Experts**. Oxford: Oxford University Press, 2015.

TARAFDAR, Monideepa; COOPER, Cary L.; STICH, Jacob-Frederik. The technostress trifecta – techno eustress, techno distress and design: Theoretical directions and an agenda for research. **Information Systems Journal**, v. 29, n. 1, p. 6-42, 2019.

TARAFDAR, Monideepa et al. The impact of technostress on role stress and productivity. **Journal of management information systems**, v. 24, n. 1, p. 301-328, 2007.

TONG, Siliang et al. The Janus face of artificial intelligence feedback: Deployment versus disclosure effects on employee performance. **Strategic Management Journal**, v. 42, n. 9, p. 1600-1631, 2021.

TORTORELLA, Guilherme Luz et al. How does artificial intelligence impact employees' engagement in lean organisations?. **International Journal of Production Research**, v. 63, n. 3, p. 1011-1027, 2025.

TOURAINÉ, Alain. **Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes**. Petrópolis: Vozes, 1998.

TURING, A. M. Computing machinery and intelligence. **Mind**, v. 49, n. 236, p. 433-460, 1950. DOI: 10.1093/mind/LIX.236.433.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEIL, Michelle M.; ROSEN, Larry D. **Technostress: Coping with technology@ work@ home@ play**. New York: J. Wiley, 1997.

WOLF, M. **Teorias da comunicação: mass media: contextos e paradigmas**. 8. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

XU, Guanglu; XUE, Ming; ZHAO, Jidi. The relationship of artificial intelligence opportunity perception and employee workplace well-being: A moderated mediation model. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 20, n. 3, p. 1974, 2023.

XU, Yongjun et al. Artificial intelligence: A powerful paradigm for scientific research. **The Innovation**, v. 2, n. 4, 2021.

ZUBOFF, Shoshana. The age of surveillance capitalism: The fight for a human future at the new frontier of power, edn. **PublicAffairs, New York**, 2019.

APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista Semiestruturada

BLOCO A: Perfil do Entrevistado e Percepções e Vivências com a IA

BLOCO B: Tecnoestressores e Sobrecarga (Objetivo Específico 2)

BLOCO C: Identidade Profissional, Sentido do Trabalho e Autoria